

A AÇÃO EDUCATIVA EM MUSEUS E O ESPAÇO DE ATUAÇÃO DO PEDAGOGO EM AMBIENTES NÃO FORMAIS DE EDUCAÇÃO

THE EDUCATIONAL ACTIVITY IN MUSEUMS AND AREA OF EXPERTISE IN ENVIRONMENTS
PEDAGOGUE NO FORMAL EDUCATION

Regina Magna Bonifacio Araújo¹

Nilzilene Imaculada Lucindo²

Resumo: O artigo aborda os resultados de pesquisa realizada com licenciandos do 1º período do curso de Pedagogia ao Museu de História Natural e Jardim Botânico da Universidade Federal de Minas Gerais. Fundamentadas em Libâneo(2010), Gohn(2006), Falcão(2009), Marandino(2008) e Almeida(1997), buscamos identificar se, na visão dos licenciandos, o museu constitui ou pode se constituir um espaço de atuação do Pedagogo e quais seriam as atribuições desse profissional em espaço de educação não formal. Os resultados apontaram que os alunos participantes da visita técnica possuem uma visão clara dos museus como um espaço educativo, sendo essa instituição considerada um espaço de atuação para o Pedagogo; destacaram como ações do Pedagogo no Museu coordenar as atividades educativas; desenvolver atividades lúdicas, jogos, brincadeiras e dinâmicas; atuar na área pedagógica, elaborando projetos, práticas e pesquisas, dentre outras. Identificamos ainda, na visão dos participantes, a ampliação do conceito de museu.

Palavras-chave: Formação de Pedagogos. Espaços não escolares. Museus.

Abstract: The article discusses the results of research conducted with students of the 1st degree of the course of formation the pedagogue visiting the Museum of Natural History and Botanical Garden of the Federal University of Minas Gerais. Based on Libâneo (2010), Gohn(2006), Falcão (2009), Marandino (2008) and Almeida (1997), we seek to establish whether, at the undergraduate vision, the museum constitutes or may constitute a pedagogue performance space and what the duties would be that professional in non-formal education space. The results showed that the participating students of technical visits have a clear view of museums as an educational space, and this institution considered a performance space for the educator; out as pedagogue actions in the Museum coordinate educational activities; develop leisure, games and dynamic activities; work in the educational area, developing projects, practices and research, among others. Identified yet, in the view of participants, the expansion of the museum concept.

Keywords: Training of Educators. Non-school spaces. Museums.

1. Pedagoga, Mestre e Doutora em Educação, Pós-doutorado em Ciência da Educação pela Universidade de Lisboa; Docente e pesquisadora do PPGE/Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP), e-mail: regina.magna@hotmail.com

2. Mestre em Educação; Licenciada em Pedagogia; Pedagoga do Museu de História Natural da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), e-mail: nilzilenelucindo@yahoo.com.br

1 INTRODUÇÃO

O curso de Pedagogia, no Brasil, foi criado pelo Decreto Lei n.º 1190 de 04 de abril de 1939 e desde então vem passando por transformações ao longo de sua existência. Quando surgiu, uma de suas finalidades consistia em formar os professores para atuarem no ensino secundário na formação dos professores que atuariam no ensino primário. Além disso, também se incumbia de formar o Especialista de Educação.

Na contemporaneidade, principalmente, a partir da promulgação da Resolução CNE/CP n.º 01 de 2006, que instituiu as novas Diretrizes Curriculares Nacionais para o curso de Pedagogia-Licenciatura, a formação do Pedagogo está centrada na docência. Nas atuais diretrizes, a base da formação do pedagogo é a docência para a Educação Infantil e anos iniciais do Ensino Fundamental e o conceito de docência passou a ter uma visão alargada, compreendendo ações de organização e gestão de sistemas e instituições de ensino, abarcando atividades em contextos escolares e não escolares. Tal fator impõe um desafio para a formação do Pedagogo e, ao mesmo tempo, uma demanda necessária, tendo em vista que a sociedade na qual estamos inseridos se apresenta repleta de atividades educativas e práticas pedagógicas que são desenvolvidas em múltiplos espaços.

O curso de Pedagogia da Universidade Federal de Ouro Preto - UFOP tem por origem três fontes que podem ser assim apresentadas: a necessidade de institucionalizar o espaço acadêmico de que a universidade brasileira dispõe para os estudos sistemáticos e avançados da área da Educação; as necessidades da comunidade local e a ampliação da oferta de educação superior pública. Desta forma, o profissional que se deseja formar com este curso é o profissional de educação para atuar no ensino, para exercer funções de magistério na Educação Infantil e nos anos iniciais do Ensino Fundamental, nos cursos de Ensino Médio, na modalidade Normal, de Educação Profissional na área de serviços e apoio escolar e em outras áreas nas quais sejam previstos conhecimentos pedagógicos, mas também capaz de atuar na organização e gestão de sistemas, unidades e projetos educacionais e na produção e difusão do conhecimento, em diversas áreas da educação.

Sua proposta pedagógica apoia-se na concepção de que as diferentes ênfases do trabalho pedagógico – educação infantil e ensino fundamental, jovens e adultos, etc. -, assim como as práticas de organização e gestão dos espaços escolares e não escolares, de formulação de políticas públicas, de planejamento, etc., constroem-se sobre a base comum da docência. É a partir dessa base, de sua natureza e funções, que se materializa o trabalho pedagógico, em suas múltiplas faces, espaços e atores.

Mas esta concepção de curso, proposta pela UFOP, não retrata a realidade da formação do pedagogo desde a criação dos primeiros movimentos formativos. Para se chegar ao entendimento de que a base da formação ofertada pelo curso de Pedagogia seria a docência, um longo processo foi percorrido e sobre ele falaremos brevemente.

O curso de Pedagogia, e igualmente o profissional formado por ele, vem ao longo de muitos anos, ampliando uma discussão acerca da identidade e do campo de atuação do pedagogo. Este curso, que desde a sua criação já sofreu 4 alterações em sua constituição, sempre esteve envolto em polêmicas que nos remetem às suas funções e a uma busca da definição de quem é o pedagogo e qual o seu campo de atuação.

Um dos conteúdos que compõe a ementa da Disciplina de Introdução à Educação, do curso de Pedagogia da UFOP trata da formação e do campo de atuação dos Pedagogos. Dentre as diversas atividades que visam proporcionar aos alunos a compreensão do campo de atuação do Pedagogo, propusemos uma visita técnica a um museu com a finalidade de explorar os contextos não escolares. Buscávamos identificar, dentre outros aspectos, se, na visão dos licenciandos, o museu constitui ou pode se constituir um espaço de atuação de Pedagogo e quais seriam as atribuições desse profissional neste espaço de educação não formal.

Neste sentido, o objetivo do texto que ora se apresenta é socializar os resultados dessa pesquisa que foi realizada a partir da visita dos alunos do 1º período de Pedagogia da UFOP ao Museu de História Natural e Jardim Botânico da Universidade Federal de Minas Gerais - MHNJB/UFMG.

O MHNJB é um órgão suplementar da UFMG que desenvolve atividades de ensino, pesquisa e extensão em áreas das ciências naturais. Foi uma vasta fazenda com 600.000 m² pertencente à família Guimarães, que desapropriada no início do século XX foi adquirida pelo Governo do Estado de Minas Gerais como Horto Florestal. Mais tarde, transformou-se em Estação Experimental de Agricultura e em 1953, em Instituto Agrônomico. Em 1969, parte da área do Instituto Agrônomico foi cedida a UFMG para a instalação do MHNJB.

Na década de 70, o museu passou a atrair vários visitantes por abrigar o Presépio do Pipiripau, obra tombada pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - IPHAN. Em 2010 foi reconhecido como Jardim Botânico pelo Conselho Nacional de Meio Ambiente - CONAMA. Suas coleções estão organizadas de acordo com as seguintes áreas: Arqueologia Pré-Histórica, Arqueologia Histórica, Paleontologia, Geologia, Zoologia, Botânica, Etnologia Indígena, Arte Popular e Iconografia. O MHNJB é uma das maiores áreas de mata preservada em Belo Horizonte / Minas Gerais, abriga projetos de pesquisas em várias áreas e desenvolve estudos sobre a fauna e flora, projetos artísticos, ações de educação, preservação ambiental e cultural.

Como metodologia, adotamos uma pesquisa de abordagem qualitativa, bibliográfica e de campo. A pesquisa bibliográfica foi embasada nos estudos de Libâneo (2001; 2010), Gohn (2006), Marandino (2008), Falcão (2009) e Paro (2011). A pesquisa de campo fez uso de um questionário com questões abertas; algumas questões foram respondidas antes da visita e outras após a realização da atividade. Essa metodologia será descrita mais a frente em um item próprio. Após a realização da visita e a aplicação do questionário pós-visita, trabalhamos na análise dos dados. Contudo, neste texto, optamos por realizar um recorte dos dados e trabalhar com todas as questões do primeiro

questionário e com algumas questões do segundo. O artigo está estruturado em seis itens, a saber: introdução; marco teórico; metodologia; concepções dos licenciandos sobre a temática em estudo; considerações finais e referências bibliográficas.

2 O MARCO TEÓRICO

Ao ser criado pelo Decreto 1190 de 4 de abril de 1939, o curso de Pedagogia originou-se articulado à formação do professor, ficando responsável por formar os formadores dos professores que atuariam no ensino primário. O Parecer CFE nº 251/62 regulamentou o curso, fixou o currículo mínimo e sua duração e o Parecer CFE nº 252/69 instituiu a proposta de formação de especialistas em administração escolar, inspeção escolar, supervisão pedagógica e orientação educacional ao lado da habilitação para a docência nas matérias pedagógicas do curso Normal. A norma em vigor, a Resolução CNE/CP nº 01/2006, última modificação introduzida, instituiu as novas diretrizes curriculares para o curso, indicando que a formação preconizada para o Licenciado em Pedagogia é bem abrangente, o que pode ser observado no excerto abaixo:

O curso de Licenciatura em Pedagogia destina-se à formação de professores para exercer funções de magistério na Educação Infantil e nos anos iniciais do Ensino Fundamental, nos cursos de Ensino Médio, na modalidade Normal, de Educação Profissional na área de serviços e apoio escolar e em outras áreas nas quais sejam previstos conhecimentos pedagógicos. As atividades docentes também compreendem participação na organização e gestão de sistemas e instituições de ensino, englobando: - planejamento, execução, coordenação, acompanhamento e avaliação de tarefas próprias do setor da Educação; - planejamento, execução, coordenação, acompanhamento e avaliação de projetos e experiências educativas não escolares; - produção e difusão do conhecimento científico tecnológico do campo educacional, em contextos escolares e não escolares (BRASIL, 2006, p.2).

A institucionalização dessas diretrizes colocou em evidência esses outros possíveis espaços de atuação do Pedagogo, fazendo com que o trabalho desse profissional não se restrinja apenas ao ambiente escolar e novos espaços sejam explorados pelos Pedagogos, ampliando também as suas possibilidades de atuação.

Não obstante, outro fator contribui para a abertura desse campo de atuação em espaços não escolares. Libâneo (2001, p.3) destaca que “um dos fenômenos mais significativos dos processos sociais contemporâneos é a ampliação do conceito de educação e a diversificação das atividades educativas”. As práticas educativas extrapolam o ambiente formal de educação e se fazem presentes em múltiplos espaços, sinalizando que estamos vivendo, segundo Libâneo, em uma sociedade pe-

pedagógica. É pois, neste contexto, que se situam os museus, concebidos como espaços de educação não formal de acordo com Marandino (2009), e definidos pelo Conselho Internacional de Museus (ICOM) como:

instituição permanente, sem fins lucrativos, a serviço da sociedade e de seu desenvolvimento, aberta ao público e que adquire, conserva, investiga, difunde e expõe os testemunhos materiais do homem e de seu entorno, para educação e deleite da sociedade (ICOM, 2001).

Como se pode constatar as práticas pedagógicas estão inseridas nos diversos espaços sociais, tanto no âmbito da educação formal quanto no da educação não formal. Neste sentido, para explicitar as características de cada contexto, faremos menção à definição da educação formal e da educação não formal, enfatizando, entretanto, o espaço da educação não formal.

Para Libâneo (2010, p.88), a “Educação formal seria, pois, aquela estruturada, organizada, planejada intencionalmente, sistemática”. Já educação não formal é definida pelo autor como:

aquelas atividades com caráter de intencionalidade, porém com baixo grau de estruturação e sistematização, implicando certamente relações pedagógicas, mas não formalizadas. Tal é o caso dos movimentos sociais organizados na cidade e no campo, os trabalhos comunitários, atividades de animação cultural, os meios de comunicação social, os equipamentos urbanos culturais e de lazer (museus, cinemas, praças, áreas de recreação) etc. (LIBÂNEO, 2010, p. 89).

A educação não formal na concepção de Gohn (2006, p.2),

designa um processo com várias dimensões tais como: a aprendizagem política dos direitos dos indivíduos enquanto cidadãos; a capacitação dos indivíduos para o trabalho, por meio da aprendizagem de habilidades e/ou desenvolvimento de potencialidades; a aprendizagem e exercício de práticas que capacitam os indivíduos a se organizarem com objetivos comunitários, voltadas para a solução de problemas coletivos cotidianos; a aprendizagem de conteúdos que possibilitem aos indivíduos fazerem uma leitura do mundo do ponto de vista de compreensão do que se passa ao seu redor; a educação desenvolvida na mídia e pela mídia, em especial a eletrônica, etc.

Ao contrário do que muitos pensam os museus não devem ser entendidos como um espaço reservado para a guarda de coisas velhas. Na verdade, seu conceito extrapola essa concepção. Eles preservam a memória e a cultura da humanidade, abrigam coleções de valor inestimável que são importantes não só para a pesquisa, mas também para a educação. Trata-se de um espaço de contemplação, encantamento, pesquisa, lazer, questionamentos, aprendizado, vivências,

que se constitui um importante meio para propiciar a ampliação cultural e científica dos cidadãos e interpretar a realidade.

Segundo Falcão (2009, p.14), “os museus possuem o caráter educacional vinculado à sua própria origem, uma vez que, desde o início, se configuravam como espaços de pesquisa e ensino”. A afirmação de Falcão nos remete ao entendimento de que os museus sempre tiveram uma estreita relação com a educação. Contudo, é necessário promover a interação e o contato do público com os objetos, pois conforme afirma Marandino (2008, p.20), além de elementos centrais, “por meio dos objetos o visitante pode se sensibilizar e se apropriar dos conhecimentos expostos, assim como compreender os aspectos sociais, históricos, técnicos, artísticos e científicos envolvidos”. A ação educativa que ocorre nesses espaços, tem por objetivo, segundo Almeida (1997, p.50) “ampliar as possibilidades de aproveitamento pedagógico dos acervos, para que o visitante acentue seu espírito crítico em relação à sua realidade e daqueles que estão à sua volta”.

Esta autora ainda registra que no Brasil, a ação educativa em museus recebeu influência da Escola Nova, passando a instituição a ser vista como um complemento do ensino escolar, ideia que permanece até os dias de hoje. Contudo, para Almeida os museus têm potencial de ultrapassar a complementaridade da escola, uma vez que a experiência proporcionada com os objetos pode gerar motivação, curiosidade e questionamento, além da aprendizagem de elementos tanto cognitivos como afetivos. Enfim,

[...] uma visita a um museu pode ser mais do que divertimento, não só por estimular o aprendizado e a observação, mas por promover o exercício da cidadania indistintamente, tanto através de suas atividades educativas, como por estimular a participação dos mais diversos grupos de pessoas dos vários níveis socioeconômicos (MARANDINO, 2008, p.21).

3 O CAMINHO METODOLÓGICO

Ao se considerar a metodologia escolhida na presente investigação, queremos destacar nossa crença de que uma pesquisa exige um confronto entre teoria, dados, evidências e informações sobre determinado objeto, o que é realizado a partir do estudo de um problema, contudo, o caminho metodológico adotado é decisivo para alcançar os objetivos propostos (LUDKE; ANDRÉ, 2013). Nesse caminho, o olhar dos licenciandos guarda a compreensão que, de acordo com Nóvoa (1999, p.10) explicita que “[...] é verdade que os professores estão presentes em todos os discursos sobre a educação. Por uma ou por outra razão, fala-se sempre deles. Mas muitas vezes está-lhes reservado o ‘lugar de morto’”. Para esse autor, os saberes e conhecimentos já construídos por aqueles que se preparam para a profissão ou mesmo que já a exercem ainda recebem pouca atenção, o que foi

destacado reiterada vezes por Goodson (1992, p.69) ao afirmar que “particularmente no mundo de desenvolvimento dos professores, o ingrediente principal que vem faltando é a voz do professor” (grifo do autor).

Este estudo, de abordagem qualitativa (BOGDAN; BIKLEN, 1994), privilegiou a pesquisa bibliográfica e de campo. A primeira recorreu aos estudos da área (livros e artigos científicos) que discorreram acerca do curso de Pedagogia no Brasil, da formação do pedagogo e do trabalho em museus. A pesquisa de campo fez uso de um questionário que buscou identificar a compreensão que os estudantes que iniciam o curso de pedagogia têm da atuação do pedagogo em espaços não formais como o museu, dentre outros aspectos.

A experiência vivenciada pelos alunos e alunas do 1º período de Pedagogia da Universidade Federal de Ouro Preto com a visita técnica ao Museu de História Natural e Jardim Botânico da Universidade Federal de Minas Gerais, doravante designado MHNJB/UFMG, integra uma investigação acerca do olhar desses ingressantes no curso sobre o espaço enquanto locus pedagógico e sobre a atuação do pedagogo em museus. Algumas questões foram propostas antes da visita com o objetivo de saber o conceito atribuído por eles ao museu, as atividades desenvolvidas, o tipo de público e se é um espaço de trabalho para o pedagogo. Também foi realizada uma apresentação sobre o museu em questão, sua localização, histórico, espaços que seriam visitados e sua estrutura, além de informações gerais sobre a organização da atividade, cuidados com vestuário, alimentação, horários, dentre outros.

No retorno da atividade os/as participantes escreveram sobre as contribuições que uma visita ao museu pode trazer para aos alunos da Educação Básica, o que os professores buscam com este tipo da visita, que conteúdos podem ser trabalhados especificamente com esta visita, como planejar e avaliar este tipo de atividade e se sua concepção de museu mudou após a atividade. Todas as questões foram formuladas no sentido de deixar os participantes livres para responderem e as respostas foram analisadas e categorizadas buscando compreender o que elas revelam acerca do olhar desses discentes para o museu enquanto espaço de trabalho do pedagogo. Passaremos agora a uma apresentação dessa análise com base nos dados dos 24 alunos que participaram da visita.

4 O QUE DIZEM OS GRADUANDOS EM PEDAGOGIA

A compreensão do museu enquanto espaço de guarda de objetos antigos e preciosos foi apresentada pela maioria dos/as alunos/as do curso de Pedagogia que participaram da atividade. Para alguns o museu “é o lugar onde ficam as preciosidades que contam e guardam um pouco da nossa história” (S08), ou mesmo onde “encontramos guardados várias relíquias, que ao visitá-los podemos apreciar e aumentar nosso conhecimento” (S09) e também “um lugar para visitar, ver e conhecer objetos, pinturas, textos antigos ou de difícil acesso” (S10). Um lugar onde encontramos

objetos, algo concreto que retrata um fato histórico, uma época, uma cultura pareceu ser o entendimento geral. Entretanto, encontramos algumas respostas que trazem uma percepção mais ampla do conceito de museu, como podemos ler abaixo:

“Museu é um espaço onde se busca manter o passado vivo, onde podemos recriar a história, costumes e tradições” (S04).

“Museu é um espaço educativo, no qual o seu maior foco é a cultura, vivenciar a história dos antepassados e aprender diversas culturas de diferentes regiões” (S12).

“Para mim museu é um lugar cheio de salas, silencioso, onde é possível viajar sem sair do lugar e obter conhecimentos” (S15).

Para todos os participantes da visita técnica o museu é considerado um espaço educativo, justificando que nele “aprendemos sobre arte, historia, culturas diversas e a conhecer a origem de algumas coisas” (S04); “é um espaço que complementa o ensino escolar” (S05) e, também, “acredito que em qualquer museu conseguimos aprender, pois cada um deles tem uma história para contar” (S15).

A questão que procura revelar a compreensão de quais atividades podem ser desenvolvidas num museu obteve respostas bem próximas do que eles encontraram. Muito além de visitas técnicas, os alunos identificaram atividades interativas, com uso de recursos audiovisuais e da tecnologia, brincadeiras e dinâmicas, além de palestras, exposições e oficinas. Creditamos este conhecimento ao fato de que grande parte desses alunos e alunas reside em cidades históricas, em especial Ouro Preto e Mariana, cidades onde está localizada a universidade e que possuem vários museus.

Especificamente em relação ao MHNJB, os discentes indicaram como público os alunos da Educação Básica e do Ensino Superior. Por se tratar de um museu que pertence a uma universidade, a compreensão da grande maioria dos participantes é de que este espaço se destina ao público escolar e universitário. Alguns poucos acrescentaram que “o museu não tem um público-alvo, já que qualquer pessoa de qualquer idade pode visita-lo”(S04) ou

“O público do museu é amplo. Normalmente frequentam esse espaço turmas de crianças e jovens levados pela escola que estudam, famílias em viagem, normalmente de férias, [pessoas] fazem esses passeios cultural com seus parentes e amigos”(S12).

Dentre as questões propostas aos alunos do curso de Pedagogia antes da visita técnica ao museu perguntamos se havia espaço para o trabalho do pedagogo em um museu e que contribuições ele poderia dar a este espaço. Dos participantes, apenas 4,2% responderam que não e 12,5% que desconheciam esta possibilidade.

Dos alunos que responderam que o pedagogo poderia atuar num museu, o que corresponde a 83,3%, observamos uma ampliação da concepção do campo de atuação deste profissional, o que

nas palavras de Libâneo (2001) representa uma redescoberta da Pedagogia nos meios sociais, políticos, sindicais, empresariais e nos meios de comunicação.

Nas falas de alguns alunos, o papel do pedagogo pode ser o de coordenador pedagógico ou mesmo o coordenador da área administrativa do museu. Entretanto, a maioria compreende que este profissional poderia propor atividades educativas, lúdicas, jogos e dinâmicas para aqueles que visitam o museu, complementado este espaço de aprendizagem. Outros sugerem um trabalho de planejamento e elaboração de projetos, acompanhado de cursos e orientações especializadas aos monitores que atuam no museu.

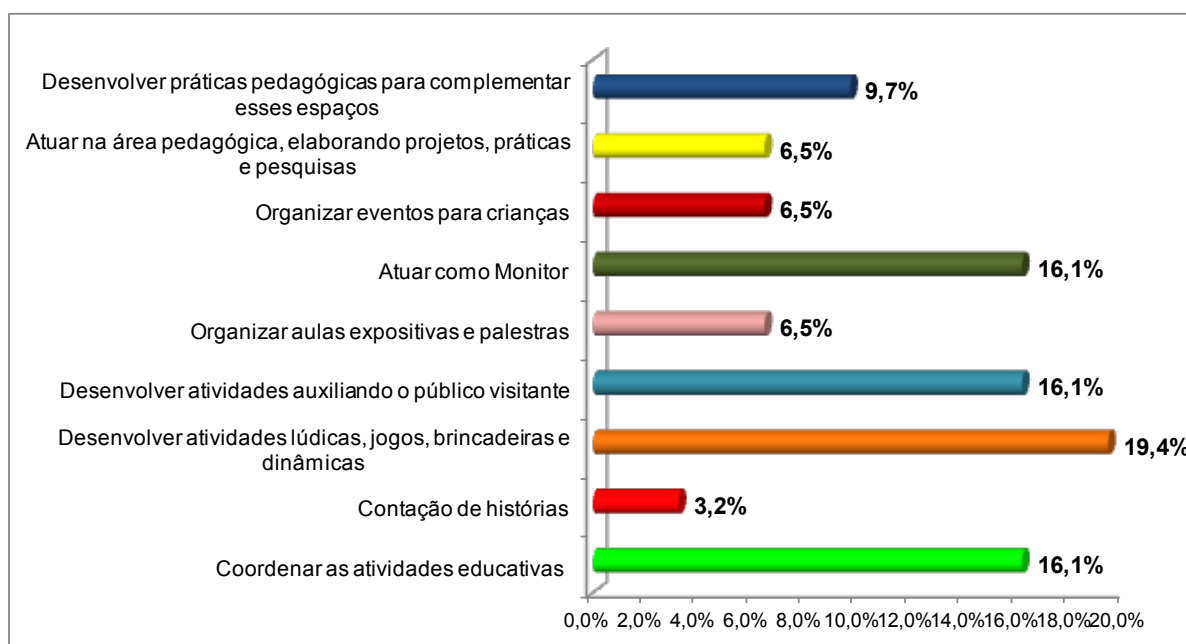
“Sim, desempenhando o papel de um coordenador dos guias no museu, mostrando a eles como mostrar e explicar ao público como as obras e documentos são importantes” (S21).

“Há espaço [para o pedagogo no museu]. O pedagogo pode desenvolver métodos de interação entre os visitantes e o museu, de modo a melhorar a relação de ensino e aprendizagem entre eles” (S20).

“Sim, ele poderia trabalhar desenvolvendo ideias para atrair a atenção das pessoas como brincadeiras, dinâmicas, além da coordenação” (S11).

As ações sugeridas pelos participantes deste estudo podem ser mais bem visualizadas no gráfico que se segue, fazendo emergir a compreensão de que há outros espaços de atuação para o pedagogo, não se limitando apenas às escolas, muito embora este seja o campo prioritário para a formação e atuação deste profissional.

Gráfico 1 – Atividades do Pedagogo no Museu



Fonte: Questionários aplicados pelas autoras

De acordo com Pereira,

Os educadores (as) devem buscar práticas curriculares mais abertas... e que estejam em consonância com a realidade e necessidades dos diferentes contextos, e que a construção dos saberes seja resultante de entrelaçamentos das diversas redes de conhecimento (2006, p.21).

Nesta pesquisa nos propomos a investigar, também, como os alunos do curso de Pedagogia percebiam a atuação do pedagogo em espaços não escolares após a visita ao museu. Considerando que o trabalho do Pedagogo está relacionado à compreensão de suas ações tanto no âmbito da docência quanto no da gestão, foram formuladas perguntas mais gerais no sentido de apreender como os participantes analisam as contribuições deste tipo de ação para com o processo de aprendizagem dos alunos da Educação Básica.

Diante da questão formulada acerca das contribuições da visita para os alunos deste nível de ensino, todas as respostas apontam para alguma contribuição, sejam elas relacionadas aos aspectos culturais e, também, cognitivos. Para alguns graduandos, prevalecem os aspectos culturais e históricos,

A visita em um museu pode contribuir em diversos fatores para o aluno de ensino básico, como: ampliação cultural, podendo despertar interesse em conhecer a história de um determinado tempo e espaço, também pode despertar interesse em outras profissões (S03).

A visita ao museu pode proporcionar diversas contribuições como: despertar o interesse em outras culturas, matérias, profissões; proporcionar contato com parte da história pouco explorada na escola (S02).

Para outros, a grande contribuição que uma atividade de visita aos museus pode dar à educação de crianças e jovens se relaciona à aquisição de conhecimentos e atitudes que podem auxiliar no melhor desempenho escolar.

As contribuições que o museu pode trazer para os alunos da educação básica é que estando em contato com aquilo que eles estão aprendendo, a memorização e o aprendido é mais eficaz (S05).

A visita a um Museu proporciona aos alunos da educação básica um amplo conhecimento, com a oportunidade de “conhecer de perto” um pouquinho da história de nossos antepassados quando nos referimos a História Natural, a biodiversidade da natureza, as riquezas minerais, enfim, como disse anteriormente o conhecimento é amplo (S12).

E, ao olhar para a realidade de muitas escolas de Educação Básica, alguns discentes indicam que atividades com visitas orientadas a espaços como os museus podem complementar ou mesmo suprir carências de um ensino público de baixa qualidade.

Os museus estimulam a curiosidade dos visitantes, esses espaços oferecem a oportunidade de suprir, ao menos em parte, algumas das carências da escola como a falta de laboratórios, recursos audiovisuais entre outros. Conhecidos por estimular o aprendizado e para melhorar o aproveitamento escolar (S10).

No contato com os responsáveis pela orientação pedagógica do museu, nossos alunos receberam a informação de que o público escolar é um dos mais significativos e participantes das atividades e ações proporcionadas. Ao serem questionados sobre o que os professores buscam com este tipo de atividade, as respostas evidenciaram o entendimento de que esses contatos auxiliam na ampliação de conhecimentos, na diversificação dos meios de aprendizagem fazendo uso dos sentidos e das atividades lúdicas e prazerosas, e com isto proporcionando uma maior aproximação com o objeto de estudo, como podemos observar nas falas abaixo.

Ampliar o conhecimento dos alunos, mostrando a prática, relacionando com a teoria (S01).

Buscam o aprendizado de seus alunos através de seus sentidos, ou seja, do tato, visão, olfato, audição, do contato com o que está sendo ensinado (S05).

Ensinar através do contato, da distração, dos momentos mais tranquilos, na diversão, transformando em um gostar de aprender sobre determinada coisa (S13).

Os professores buscam com a visita ao Museu trabalhar de forma lúdica, proporcionar ao aluno o contato com objetos, parte de uma história (S02).

O conhecimento por meio de ações concretas e na prática, também, é buscado por alguns docentes ao realizarem atividades como as visitas aos museus, pois com elas os professores “buscam um complemento de suas aulas através de exposição de exemplos físicos” (S06), além de “aguçar a curiosidade dos seus alunos e mostrar de forma prática o que eles aprendem de forma teórica em sala de aula” (S21). Acredita-se, igualmente, que um ambiente como o proporcionado por espaços não escolares possam aumentar o interesse, a curiosidade do aluno pelo que esta sendo ensinado, indo além do apresentado pelo livro didático e desta forma facilitando o processo de aprendizagem, como afirma S08, “o professor busca uma aproximação do aluno com a história tendo em vista que no museu o aluno tem mais interesse em aprender por ser um ambiente não formal” e, que nas palavras de outro graduando,

Mostrar aos alunos como era na antiguidade com uma experiência fora dos livros. Indo ao museu os alunos veem e observam objetos da pré-história, da arqueologia, da mata, entre outros. Enfim, ir ao um museu aguça a curiosidade e aprende muito além das histórias ouvidas e lidas através do livro didático (S23).

Das respostas apresentadas pelos alunos envolvidos nesta pesquisa acerca das possibilidades de atuação do pedagogo em espaços não escolares, apenas uma se distancia dos aspectos educativos escolares na discussão de como esses espaços e os pedagogos que nele atuam contribuem para com a educação de crianças e jovens. Um dos participantes enfoca a aproximação dos alunos com sua história e a sua cultura, ao afirmar que com esta visita os professores “buscam aproximar seus alunos de sua própria história, mostrar o valor da preservação da cultura e tradição e também demonstrar que o conhecimento pode estar além dos muros da escola” (S04).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Queremos finalizar este texto indagando se a experiência vivenciada foi capaz de alterar o conceito que os ingressantes do curso de Pedagogia tinham acerca do espaço museológico e da atuação do pedagogo nessas instituições. Acreditamos que a experiência ampliou a percepção dos alunos em diferentes aspectos.

Um primeiro aspecto que queremos destacar refere-se ao entendimento acerca da atuação profissional do pedagogo. Diante das reflexões apresentadas, não apenas por meio do registro escrito, mas oral e informalmente às professoras que acompanharam a visita, observamos que o olhar para o museu enquanto espaço de atuação do pedagogo trouxe para esses graduandos, em início de curso, perspectivas novas sobre o campo de trabalho deste profissional, ou seja, existem demandas para o trabalho do educador, formado no curso de Pedagogia, em outros espaços além da Escola. O museu se transformou aos olhos de alguns participantes como um “espaço educativo, que não só guarda coisas antigas, [mas] um espaço de pesquisa, conhecimento, lugar também de lazer e contato com diversas culturas”(S21) e, também, no registro de outro aluno ao afirmar que “após a visita ao museu, na minha concepção é um espaço bastante proveitoso para educar ludicamente e de maneira real e concreta”(S03), portanto um espaço educativo e que necessita ser acompanhado por um profissional da área, que não apenas ofereça oportunidades de aprendizagem, mas que, igualmente, promova o desenvolvimento de crianças e jovens, aproximando-os da sua cultura e dos valores do seu país. E aqui chegamos ao segundo aspecto que pretendemos focalizar com esta discussão: o aspecto cultural.

Destacamos nas falas a seguir a concepção que nos apresenta Paro (2011, p.28) para quem “A educação é, pois, a apropriação da cultura produzida historicamente” e que deve seguir em duas direções: educar para a preservação do acervo cultural dando continuidade à nossa história e edu-

car para a constituição de cada indivíduo enquanto um ser “humano-histórico”, nas palavras deste mesmo autor. E é para esta dimensão educativa, da formação humana e cidadã de cada sujeito que a atuação do pedagogo em espaços não escolares se faz necessária e urgente, como agente de uma educação que propiciará acesso à cultura produzida historicamente por homens e mulheres de diferentes localidades. “Museu é muito além de coleção. Museu é um espaço cultural, na qual passa conhecimento as diversas idades e áreas, ou seja, desde a criança a um adulto [...]” (S12); ainda, “hoje o museu é para mim cultura, vivência da antiguidade e conhecimento que vai além da sala de aula” (S23).

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, A. M. Desafios da Relação Museu-Escola. **Comunicação & Educação**. São Paulo, [10]: 50 a 56, set./dez. 1997.
- BOGDAN, R.; BIKLEN, S. **Investigação qualitativa em educação**: uma introdução à teoria e aos métodos. Porto, Porto Editora, 1994.
- BRASIL. Conselho Federal de Educação. Parecer nº 251/62. Fixa o currículo mínimo e a duração do Curso de Pedagogia. Relator: Valnir Chagas. In: **Documenta**. n.º 11. Jan.-Fev. 1963. 59-66p.
- _____. Conselho Federal de Educação. Parecer nº 252/69. Fixa os mínimos de conteúdo e duração a serem observados na organização do curso de Pedagogia. Relator: Valnir Chagas. In: **Documenta**. n.º 100. Abr. 1969. 101-139 p.
- _____. Conselho Nacional de Educação. Resolução nº 1/2006 de 15 de maio de 2006. Institui Diretrizes Curriculares Nacionais para o Curso de Graduação em Pedagogia, licenciatura. **Diário Oficial da União**, Brasília, 16 de maio de 2006, Seção 1, p. 11.
- _____. Decreto-Lei nº 1190 de 04 de abril de 1939. Dá organização à Faculdade Nacional de Filosofia. **Diário Oficial da União**, Rio de Janeiro, RJ, 06 abr. 1939. Disponível em: <<http://www2.camara.leg.br/legin/fed/declei/1930-1939/decreto-lei-1190-4-abril-1939-349241-publicacaooriginal-1-pe.html>>. Acesso em: 08 set. 2013.
- FALCÃO, A. Museu como lugar de memória. In: **Salto para o Futuro**. Museu e escola: educação formal e não-formal. Brasília: Ministério da Educação/Secretaria de Educação a Distância, Ano XIX – Nº 3 – Maio/2009.
- GOHN, M. da G. Educação não-formal na pedagogia social. In: **I CONGRESSO INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA SOCIAL**, 2006. Disponível em: <http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=MSC000000092006000100034&lng=en&nrm=abn>. Acesso em: 29 jan. 2014.

- GOODSON, I. F. Dar voz ao professor: as histórias de vida dos professores e o seu desenvolvimento profissional. In: NÓVOA, A. (org.) **Vidas de professores**. Porto: Porto 1992.
- LIBÂNEO, J. C. Pedagogia e Pedagogos: inquietações e buscas. **Educar**. Curitiba: Editora da UFPR, n. 17, p. 153-176. 2001.
- _____. **Pedagogia e pedagogos, para que?** 12. ed. - São Paulo: Cortez, 2010.
- LUDKE, M.; ANDRÉ, M. E. D. A. **Pesquisa em Educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: E.P.U.; 2013
- MARANDINO, M. (Org.). **Educação em museus: a mediação em foco**. São Paulo, SP: Geenf / FEUSP, 2008.
- _____. Museu como lugar de cidadania. In: **Salto para o Futuro**. Museu e escola: educação formal e não-formal. Brasília: Ministério da Educação/Secretaria de Educação a Distância, Ano XIX – Nº 3 – Maio/2009.
- NÓVOA, Antonio. **Profissão professor**. NÓVOA, A. (org.). Profissão professor. 2 ed. Porto: Porto Editora, 1999.
- PARO, V. H. **Crítica da estrutura da escola**. São Paulo: Cortez, 2011.
- PEREIRA, M. Z. da C e MOURA, A. P. (Org). **Políticas Educacionais e (Re) significações do currículo**. Campinas, SP: Editora Alínea, 2006.